



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



UMENÃ MÏKY

HISTÓRIA DO MENINO QUE VIROU ROÇA
Uma Abordagem da Pedagogia MÏky

BARRA DOS BUGRES - MT
Dezembro / 2024

UMENÃ MỸKY

HISTÓRIA DO MENINO QUE VIROU ROÇA
Uma Abordagem da Pedagogia Mỹky

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e Docência.

Orientador: Adailton Alves da Silva.

BARRA DO BUGRES-MT
Dezembro / 2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

I65h Umenã Myky Iranxe.

HISTÓRIA DO MENINO QUE VIROU ROÇA Uma Abordagem da Pedagogia
Myky / Umena Myky Iranxe. - Barra do Bugres, 2024.
60f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientador: ADAILTON ALVES DA SILVA.

1. Povo Myky. 2. Roça Tradicional. 3. Ritual de Iniciação. 4.
Pedagogia Myky. I. SILVA, ADAILTON ALVES DA. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 376.63

UMENÃ MỸKY

HISTÓRIA DO MENINO QUE VIROU ROÇA

Uma Abordagem da Pedagogia Mÿky

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT*, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 05 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 ADAILTON ALVES DA SILVA
Data: 17/02/2025 21:04:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso
UNEMAT
Orientador

 LUCIMAR LUISA FERREIRA
Data: 03/02/2025 11:20:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Lucimar Luisa Ferreira
Universidade do Estado de Mato Grosso
UNEMAT
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
 SINVAL DE OLIVEIRA
Data: 30/01/2025 14:11:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Sinval de Oliveira
Universidade Federal do Tocantins
UFT
Examinador Externo

*“Não há prática pedagógica
que não parta do concreto cultural e histórico.”*

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha esposa Cristiane Juruci, minha filha Leticia Kamunu M̃ky Iranxe e meus filhos Gustavo Wajanã M̃ky Iranxe e Tiago Jaukai M̃ky Iranxe por todo apoio e compreensão com minha ausência para realizar esse trabalho.

Também agradeço a minha mãe Paatau M̃ky, pois foi com ela que coletei os dados sobre a origem da roça e o mito do Menino que Virou Roça, que é a narrativa central no conjunto da mitologia do povo, pois essa história dos antigos, como a gente fala, traz fundamentos da manifestação primeira do canto da JÉTA, ou seja, do espírito que, segundo a nossa crença M̃ky, é através do ritual, plantamos a roça para que possamos oferecer os alimentos preparados pelas mulheres, assim como a caça providenciada pelos homens para agradecer a dádiva de uma colheita dos alimentos tradicionais do Povo M̃ky.

Agradeço a minha comunidade M̃ky que sempre me apoiou e deu grande oportunidade para que, mesmo em serviço, pudesse realizar este estudo.

Ao meu orientador Dr. Adailton Alves da Silva, agradeço pelas orientações neste processo de escrita da dissertação, aos professores e a todos os parentes do Mestrado Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH, gratidão pela convivência e pelos saberes e fazeres compartilhados durante esses anos do Mestrado.

TUMÃ TÃKJEY

Apakanã arei tâpjanatã ijãny takajarikini wanjepja ijãny tâkjej ta waápa pedagógica kany mijakuapany jawuxomakareju mopäni. Ta jãï pyta wanamapi jãjãri ijãny tai ikjanamapi Iruupjata kjehy, tai Brasnorte kjapy kjehy ikjanamopi. Tai arei ijãny tâpanatã ijã akjej takarokjej ta pyta wakjej jãjã kjehy tai tâpirapjukjej ijãny takapusakaaraopani pykjanã waopani jãkany ijãny,tai pykjanã ijãny xiwjewukjej pykjany ijã mokoowy miakuapany jawuxomakareju mopäny. Tâpirapjunamäpi miakuapa kinã kewa escola kjehy, watuhowy manãnju kjehy mopäi kjehy tai JÉTAKAPY manãnjukjej tai jãkuapa kinã atjakapjukey JÉTANY tai pykjanã waopani jãkanyini ijãny.

Tupa Tâkjej: Myky; Mopäi; Jétakapy; Manãnukjej.

RESUMO

O presente trabalho sistematiza uma experiência pedagógica a partir da História do Menino que Virou Roça, uma das Histórias fundantes da cultura M̃ky. Os M̃ky é um povo que vive na Aldeia Japuira, Terra Indígena Menku, localizada no município de Brasnorte, Mato Grosso. O trabalho é uma experiência realizada por um professor indígena que desenvolve um processo de ensino-aprendizagem a partir da sua cultura, trazendo as história e rituais como objeto de aprendizagem para a sala, as aulas práticas e as vivências nos rituais, em particular o ritual de iniciação dos meninos. A história do Menino que Virou Roça traz elementos e ciclos que permeia a vida cotidiana dos estudantes e de toda a comunidade, influenciando desde a espiritualidade M̃ky até os hábitos alimentares. A proposta pedagógica foi organizada a partir da História do Menino que Virou Roça, buscou entender a roça M̃ky como um espaço cultural que envolve todos os aspectos da comunidade, o econômico, o educativo, os rituais. Na análise realizada pelo professor indígena, feita através do ritual de iniciação que acontece no Ritual da Roça de Jetá, traz a configuração de uma pedagogia específica do povo M̃ky.

Palavras-chave: Povo M̃ky, Roça Tradicional, Ritual de Iniciação, Pedagogia M̃ky.

ABSTRACT

The present work systematizes a pedagogical experience based on the Story of the “Menino que Virou Roça” – The Boy Who Became a Farm, which is one of the founding Stories of the M̃ky culture. The M̃ky are a people who live in the Japuira Village, Menku Indigenous Land, located in the municipality of Brasnorte, Mato Grosso. The work is an experience developed by an indigenous teacher who develops a teaching-learning process based on his culture, bringing history and rituals as a learning object to the classroom, practical classes and experiences in the rituals and bringing in particular the ritual of initiation of the boys. The story of the “Menino que virou Roça” brings elements and cycles that permeate the daily life of the students and the entire community, influencing everything from the M̃ky religion to eating habits. The pedagogical proposal was organized based on the History of the “Menino que virou Roça” sought to understand the M̃ky’s farm as a cultural space that involves all aspects of the community, the economic, the educational, the rituals. In the analysis carried out by the indigenous teacher, done through the initiation ritual that takes place in the Jetá Roça Ritual, he presents the configuration of a specific pedagogy of the M̃ky people.

Keywords: M̃ky People, Traditional Farm, Initiation Ritual, M̃ky Pedagogy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização espacial dos povos indígenas no Noroeste do Mato Grosso, com destaque em vermelho dos M̃ky e Manoki.....	13
Figura 2: Localização da TI M̃ky	16
Figura 3: Conceção da escola M̃ky	17
Figura 4: Imagem do Diário oficial da Secretaria de Educação de Estado de MT.	20
Figura 5: Roça tradicional M̃ky.	23
Figura 6: Roça tradicional M̃ky.	24
Figura 7: A roça comunitária com vários alimentos tradicionais do povo M̃ky	27
Figura 8: A cheia de toco de milho fofo	28
Figura 9: Mães e demais mulheres da comunidade despedem-se dos meninos em saída para o ritual de iniciação	30
Figura 10: As mães de cada menino se colocam atrás de seus filhos e os apresentam a comunidade.....	30
Figura 11: Meninos em fila caminham para a casa ritual dos Homens.....	31
Figura 12: Roda de conversa em preparação para a atividade turma do 9º ano do Ensino Fundamental	35
Figura 13: Turma do 9º ano transcrevendo a história	35
Figura 14: Estudantes do 9º ano ajudando no preparo do biju	36
Figura 15: O pai do Menino que Virou Roça.....	38
Figura 16: O pai do Menino que Virou Roça caçando e pescando	38
Figura 17: O retorno do pai do menino da caçada	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIRX	Associação das Comunidades Indígenas do Rio Xié
AMB	Associação Médica Brasileira
APP	Área de Preservação Permanente
APOINME	Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, MG e ES
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAAE	Certificado de Apresentação de apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	13
POVO MỸKY SUA HISTÓRIA E SUA CULTURA	13
1.1. O Lugar e o Contexto que Estou Falando.....	13
1.2 A demarcação de nosso território	15
1.3 A Escola na concepção Mỹky	16
1.4 Educação tradicional Mỹky	17
CAPÍTULO II.....	22
NA ROÇA CULTIVAMOS A NOSSA CULTURA E PLANTAMOS A NOSSA PRÓPRIA COMIDA.....	22
2.1 A roça tradicional Mỹky como espaço socioeducativo	22
2.2 Mopa’i pjahá pjuta jepte’nemju - O menino que virou roça	23
2.3 História: A origem da roça	24
2.4 Ijãpàtipakjey , takajariki (Ensinamos e aprendemos com a Roça de Jetá)	25
2.5 Takika (Faça assim mesmo)	26
2.6 O ensinar e o aprender no Ritual de Iniciação dos Meninos (Roça de Jetá)	28
2.7 O papel das mulheres e das mães no Ritual de Iniciação dos Meninos	31
CAPÍTULO III	33
TECENDO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA A PARTIR DA HISTÓRIA DO MENINO QUE VIROU ROÇA	33
3.1 Preparando os estudantes para as Práticas Culturais	34
3.2 Vivência e participação ativa nas Práticas Culturais	36
3.3 A importância do pós Práticas Culturais como processo de elaboração e sistematização do conhecimento.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
APÊNDICE: PRODUTO PEDAGÓGICO	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Programa de Mestrado Ensino em Contexto Indígena Intercultural e está inserido na linha de pesquisa Ensino e Docência, realizado na Aldeia Japuíra, devido a minha atuação como professor indígena na Escola Estadual Indígena Xinui Mÿky, localizada na Aldeia Iru'u (Japuíra), Terra Indígena Menku, município de Brasnorte, noroeste do Estado de Mato Grosso (MT).

Minha grande inspiração e que me motiva a aprofundar sobre nossa cultura é minha mãe Paatau Mÿky, pois foi com ela que busquei informações sobre os mitos e as histórias Mÿky.

Esse trabalho tem como objetivo descrever, refletir e analisar a partir da minha própria experiência como educador Mÿky, o que as narrativas míticas (histórias) que ouvimos dos mais velhos (anciãos) nos ensinam, nos passam os saberes da ancestralidade do Povo Mÿky. Pois aprendemos ouvindo os mitos e as história do passado. A partir da minha experiência como pedagogo e como professor Mÿky, procurarei aprofundar nesta pesquisa a importância que o Mito da Origem da Roça e a prática da roça do Ritual Sagrado da JÉTA, que é muito importante e significativa para nós Mÿky. Sendo assim, partimos dos seguintes questionamentos: Quais as implicações que a Narrativa do Menino que virou Roça revela a nossa forma de aprender e ensinar? É a partir dessa prática que conseguimos manter nossa cultura e tradições.

O mito de origem da roça para nós é a referência para continuarmos nossa vida coletiva e a soberania alimentar do povo. Também é relevante continuarmos nossa ação pedagógica comunitária, preservar o território onde vivemos atualmente e na construção e na reconstrução da nossa identidade cultural, sempre no viver constante, reavivando o presente e garantindo o futuro das novas gerações.

Destacamos que a prática da Roça de Jetá é muito educativo para as crianças que vivenciam todo o processo de ter contato e conhecer o meio ambiente (natureza), mas também para nós e principalmente para as crianças ter contato direto com o plantio, cuidados com a roça, colheita e preparo dos alimentos. As crianças aprendem vivenciando a partir da cultura e mais, o aprendizado torna-se mais significativo quando acontece a partir da metodologia e pedagogia ancestral do povo Mÿky.

Falando um pouco da nossa escola dentro da aldeia, A Escola Estadual Indígena Xinui Mÿky, que recebeu o nome de uma pessoa importante, porque foi quem transmitiu nossa herança cultural para os nossos pais e foi ele quem liderou a questão do contato e a relação tradicional com o povo Manoki. A escola foi criada em 9 de março de 2004, porém, somente consegue autorização para o funcionamento da SEDUC em 2009. A escola foi organizada por

Ciclos de Formação Humana com a seguinte proposta curricular para os ciclos iniciais, Ensino Médio Regular e Ensino Médio profissionalizante.

A escola Mÿky oferece uma educação voltada para criar uma cultura do bem viver, quando faz um ensino que procura a defesa e preservação do território e incentivo aos saberes indígenas, à sustentabilidade e à soberania alimentar. Do ponto de vista pedagógico, o ensino acontece a partir da língua materna desenvolvendo o conhecimento, a leitura e a escrita, valorizando uma educação contextualizada a partir do cotidiano e da cultura das crianças e jovens, isto é, procura desenvolver uma educação escolar que faça sentido para suas vidas.

O presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos, sendo o primeiro capítulo intitulado **POVO MÿKY SUA HISTÓRIA E SUA CULTURA**, que abordamos a história do nosso povo, que há muitos anos, ocupa tradicionalmente um território localizado no noroeste do Estado de Mato Grosso, bacia do Rio Juruena, área de transição entre o Cerrado e a Floresta Amazônica. O segundo capítulo **NA ROÇA CULTIVAMOS A NOSSA CULTURA E PLANTAMOS A NOSSA PRÓPRIA COMIDA**, trazemos as nossas práticas de cultivo e de alimentação do nosso povo. O terceiro capítulo **TECENDO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA A PARTIR DA HISTÓRIA DO MENINO QUE VIROU ROÇA**, abordamos sobre as experiências pedagógicas desenvolvidas com os estudantes na escola a partir da História do Menino que Virou Roça.

Os não indígenas, missionários, indigenistas e a população que avançavam invadindo o nosso território, começaram a ter conhecimento sobre nós pelas informações dos Jesuítas em 1971. A partir desse contato, surgiu também o conflito com o fazendeiro invasor, Mauro Tenuta, a necessidade de demarcação de nossa terra para nossa proteção. Conforme afirma Pe. Thomáz.

Também os Kewa tiveram notícia sobre os Mÿky em 1907, informações registradas pela Comissão Rondon, porém referia-se aos Irantxe, que atualmente autodenominam-se como Manoki. Entretanto, nas impressões da Comissão Rondon os Irantxe eram considerados um grupo Paresi. Hoje se sabe que tanto a língua Manoki quanto a língua Mÿky não são de nenhuma família ou tronco linguístico, mas sim, línguas isoladas (Moura e Silva, 1970 e 1975; Gianpaolo 2007; Monserrat, 2010).

Esse registro da comissão Rondon é importante, pois nos coloca no cenário dos povos indígenas nacional dentro do território brasileiro. Também essa notícia registra nossa existência enquanto grupo indígena, sem contato, com a mesma referência geográfica que coincide com a localização de onde foram contatados os Irantxe, apontando, possivelmente, que seriam os Mÿky, o grupo relatado pela Comissão Rondon, na época de sua expedição em 1910, no Estado de Mato Grosso.

Essa confusão de localização e nomes dos indígenas então sem contato, foi resolvida nas décadas posteriores. Atualmente, sabe-se que “essas primeiras informações se referiam genericamente aos Irantxe, inicialmente associado, de forma equivocada, a um subgrupo Pareci” (Rondon, 1910; p. 88/89 *apud* Moura e Silva; Pereira, 1975; p. 2).

Assim como vários povos indígenas no Brasil, nós povo Mÿky, somos considerados um povo de recente contato, de apenas cinquenta e dois anos de contato com a sociedade nacional. Também a partir do contato, duas décadas depois, nos anos 1980, que nossa comunidade sentiu a necessidade de aprender a ler e escrever. Então, foi feito o pedido para pe. Thomaz e assim chegou Jurusi (Beth) aqui na aldeia, em 1979. Assim, que começou a história da nossa escola.

Beth é a nossa primeira professora que ensinou Mÿky a aprender a ler e a escrever, ela sempre fez questão de ensinar o português, mas também ensinar ler e a escrever na nossa língua materna.

Desde o início, nossa escola já nasceu com uma proposta de realmente ser uma escola específica e diferenciada, aprender as coisas da sociedade não indígena e também aprender a nossa história e cultura. No Projeto Político da Escola fala que nossa escola tem “mão dupla”, ensina conhecimento de fora, mas também ensina conhecimento de nossos povos.

Vale lembrar que nosso processo de escolarização teve início anos após o primeiro contato que ocorreu em 13 de junho de 1971, por um grupo de jesuítas, dentre eles, Pe. Thomaz

de Aquino Lisboa, que viveu entre os M̃yky até a sua morte em maio de 2019.

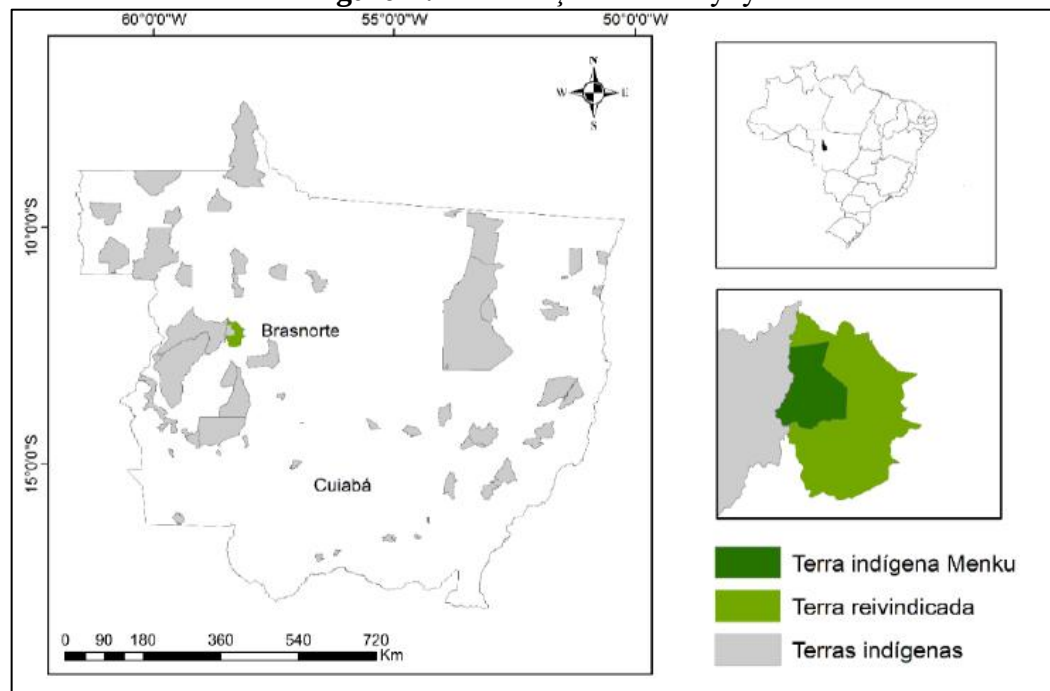
Com a chegada da educadora Elizabeth Aracy Rondon Amarante (1979), inicia-se uma etapa importante para o estudo sob assessoria da linguista Ruth Monserrat, o processo de alfabetização da comunidade. Este processo teve um papel importante na formação da primeira geração de professores e no trabalho pedagógico na escola.

Culturalmente utilizamos materiais, isto é, fazemos usos, de matéria prima tanto do cerrado quanto da floresta, pois, historicamente ocupamos uma área de transição entre o Cerrado e a Floresta Amazônica, na região das cabeceiras dos rios Ricos, Águas Claras, Tenente Noronha e Norato, afluentes do Rio Papagaio.

1.2 A demarcação de nosso território

A área territorial demarcada e homologada é de 47.094 ha, sendo que nós reivindicamos atualmente áreas tradicionais do Castanhal, Tucunzal e Taquaral, pois são áreas importantes para nossa sobrevivência física e cultural. São regiões em que as nascentes dos rios e córregos foram totalmente desmatadas. Nosso território abrange área de Floresta amazônica e minoritárias de Cerrado, sendo umas poucas áreas remanescentes de transição entre os dois biomas.

A imagem abaixo mostra a Terra Indígena Menku, que foi demarcada e a que está em processo de demarcação. A primeira (verde escuro) mostra o tamanho da demarcação da TI Menku em 1987, a segunda TI Menku com a (parcela já delimitada), área reivindicada como terra tradicionalmente ocupada, na cor verde claro. A demarcação de 1987 foi realizada de forma a proteção da comunidade contra as investidas do processo de ocupação da região, mas sem o devido conhecimento da cultura e da história M̃yky, a Funai demarcou apenas parte do território.

Figura 2: Localização da TI Mÿky

Mapa de localização da TI Mÿky no Noroeste do Mato Grosso. Fonte: P. P. Oliveria, 2017

1.3 A Escola na concepção Mÿky

Procuramos a refletir sobre a Educação escolar indígena a partir do contexto após a promulgação da Constituição Federal de 1988, e apresenta o processo de inclusão de suas escolas indígenas no sistema oficial de ensino em Mato Grosso a partir da luta e do protagonismo indígena e do reconhecimento dos direitos indígenas na Constituição Federal de 1988 expressos no artigo 231.

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (Constituição Federal, 1988, Art.231).

Desse modo, são garantidas às comunidades indígenas uma educação escolar intercultural, comunitária, específica e diferenciada, respeitando, assim, dessa forma, os processos próprios de educação de cada povo ou comunidades indígenas.

Para nós Mÿky, a escola se desenha da seguinte forma:

Nossa escola indígena estadual é específica do nosso povo e da nossa cultura. Ela é diferente. Nossa escola não é igual escola de branco. Nossa escola é dentro da nossa cultura. Na escola Mÿky vai junto o antigo e o novo. Sempre vai junto a educação tradicional do nosso povo, como que toda a comunidade é responsável pela educação das crianças. Como que pai faz para ensinar filho dele. Como que mãe faz para ensinar filha dela. Educação tradicional e

educação escolar a gente fala que é caminho de mão dupla. Tem coisas da cultura e tem coisas da escola. Mas tudo é educação (Projeto Político Pedagógico, 2008; p. 63).

Figura 3: Concepção da escola Mÿky



Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola Xinui Mÿky, 2008.

Conforme a figura acima, fica evidente a interpretação que os Mÿky dão para a sua escola, ela não deve ser a substituição da educação tradicional, ao contrário, mas procuram trazer para dentro da escola os saberes e conhecimentos tradicionais, configurando um “caminho de mão dupla”, isto é, uma articulação entre os conhecimentos que a escola pode oferecer e os saberes acumulados milenarmente por este povo.

1.4 Educação tradicional Mÿky

O antropólogo Melià (1999), em seu artigo Educação Indígena na Escola, retrata as estratégias adotadas pelos povos indígenas para continuarem sendo eles mesmos em suas alteridades pelas suas ações pedagógicas próprias, apesar do intenso processo colonizador que enfrentam. Ele ainda afirma que:

No processo de educação escolar dos indígenas a perda da alteridade e a dissolução das diferenças são sentidas como ameaças reais, prementes e iniludíveis. Essa perda e essa dissolução, para alguns, relacionam-se até de forma direta e quase exclusiva com a escola. A escola seria um dos fatores decisivos de generalização e uniformidade (Meliá, 1999, p. 1).

Para Meliá “não há um problema da educação indígena, mas uma solução indígena ao problema da educação” quando eles criam suas estratégias próprias de ação pedagógica para manterem sua alteridade.

Os povos indígenas sustentaram sua alteridade graças a estratégias próprias, das quais uma foi precisamente a ação pedagógica. Em outros termos, continua havendo nesses povos uma educação indígena que permite que o modo de ser e a cultura venham a se reproduzir nas novas gerações, mas também que essas sociedades encarem com relativo sucesso situações novas. A minha experiência com um povo como os ená-wenê-nawê, então recentemente contatado, mostra que esses índios nunca se mostraram “perdidos” perante situações novas, para eles inteiramente inéditas (Meliá, 1999; p. 12).

Segundo a educadora Elizabeth Aracy Rondon Amarante, pertencente ao Conselho Indigenista Missionário, que vive junto ao povo M̃ky desde 1979 e contribui, desde a sua chegada na aldeia, no processo de escolarização m̃ky, sempre defendeu o direito deste povo a uma Educação Escolar Indígena que respeitasse o modo de vida, a língua e a cultura, bem como contribuiu na elaboração de diversos materiais didáticos, livros na língua M̃ky e dicionários culturais, para uso na educação. Também é responsável pela alfabetização na língua materna da primeira geração de professores indígenas da comunidade. A educação tradicional M̃ky se caracteriza pela sua ação pedagógica própria que possibilita o processo da educação tradicional. Para ela, esse processo ocorre através do processo dinâmico da cultura, da sua capacidade de reinvenção de tradições e significados. Ela aponta que é a ação pedagógica comunitária que permite esse processo, quando se pronunciou no Congresso da Associação Brasileira de Neurologia e Puericultura - ABENEPI:

Na vida m̃ky a AÇÃO PEDAGÓGICA comunitária possibilita o ONTEM permanecer vivo e atuante no HOJE, na construção e reconstrução de sua identidade para o AMANHÃ. Uma ação pedagógica comunitária que brota da TERRA, porque as crianças vivenciam todo o processo educativo em contato direto com o seu ambiente. É na roça, é no contato direto com o plantio, colheita e preparo do alimento, na caça, na pesca ...que a criança aprende, que ela vivencia o “ser aprendente”, a partir do desenrolar de toda uma metodologia pedagógica ancestral. Aprende vivenciando atitudes singelas, mas significativas, com a metodologia própria do sistema educacional indígena, ou seja: espiar, escutar, repetir a palavra ou o gesto, ensaiar o aprendizado quantas vezes for necessário e finalmente fazer, executar a tarefa, realizar o ato. E assim as Crianças indígenas tornam-se sempre mais sujeitos sociais e não objetos passivos de educação. A criança m̃ky atualiza, portanto, a cada passo, esse desafio de pôr os pés no caminho, de sair em busca do novo, se adentrar em outro mundo, mas sempre carregando os valores ancestrais no âmago de sua identidade, como algo inerente ao seu próprio ser (Fala de Elizabeth Aracy Rondon Amarante no Congresso da AELAPI). (Amarante, 2017; p. 24).

Enfim, a nossa escola M̃ky, desde sua criação, procura realizar uma educação escolar integrando a educação indígena na escola, desenvolve uma educação a partir dos valores e da cultura.

1.5 Educação Escolar M̃ky

A educação escolar M̃ky teve uma contribuição significativa a partir do magnífico trabalho desenvolvido por Elizabeth Aracy Rondon Amarante (JURUSI), defensora da educação indígena e dos povos indígenas do Mato Grosso, a seguir segue um texto dela narrando suas vivências com o povo M̃ky.

JURUSI¹ - Testemunha de doação e dedicação pelas causas do povo M̃ky

Durante todo tempo que você esteve aqui na minha comunidade, foi vivenciado os mais lindos momentos da minha juventude. Quero muito te agradecer pela força e coragem que me deu, por estar onde estou. Não foi fácil, lembro bem, mas você foi uma guerreira, e aqui está meu relato como professor, recontar um pouco da sua história e como sempre lutou pela nossa causa com sua coragem, e correu atrás para conseguir nossas vagas, no Projeto *Hayo*.

Foi com essa conquista que aí pude estudar e até concluir meu estudo no ensino médio, agora estou estudando na Faculdade Intercultural da UNEMAT, Barra do Bugres. Ingressei em uma nova oportunidade de estudo na Pedagogia Intercultural, ao longo dos meus estudos consegui terminar e formei no ensino Superior em Pedagogia Intercultural. Mas sempre me espelhando como educador nas perspectivas de novos aprendizados, nas formações e condições melhores para lidar como professor indígena na minha comunidade; Como professor, meu sonho foi persistir em outros desafios no caminho da minha vida, pois ingressar no estudo do Mestrado.

Hoje, estou estudando no Mestrado, e ao descrever textos, sinto sua falta e aquela voz dizendo: vamos à Luta, Olhar Mjekjypjaha, não para, sempre olhar para frente, então se não fosse a senhora Elizabeth Aracy Rondon Amarante, com seus conselhos que me deu e a coragem para que pudesse alcançar maior nível, sempre pensando no Povo M̃ky. Sempre que precisei, sua ajuda estava ali, não só a mim, mas meus amigos colegas professores, se hoje temos emprego, foi por luta dela, quero dizer muito obrigado, que onde quer que esteja que tenha orgulho de mim.

Não só na minha pessoa que ela ajudou, mais também nos ajudou na caminhada de construção da criação da nossa Escola Estadual Indígena Xinui M̃ky, que iniciou e foi solicitada para a Secretaria de Educação em 05 de dezembro de 2023, após longo tempo, recebemos no Diário Oficial, Terça Feira 09 de Março de 2024. A unidade escolar funcionou

¹ Esse é o nome que Elizabeth Aracy Rondon Amarante recebe carinhosamente e respeitosamente do povo M̃ky.

na aldeia Japuíra, com ajuda da guerreira Jurusi (Elizabeth), com sabedoria que ela tinha, correndo atrás para a implantação da nossa Escola dentro da aldeia, assim, levando a coragem e sempre buscando a melhoria do povo e do ensino e aprendizagem dentro da nossa comunidade, que um dia possamos ter uma escola de qualidade para atender as demandas do nosso povo M'ky. Assim termino com o Diário oficial da secretaria de Educação de Estado de Mato Grosso.

Figura 4: Imagem do Diário oficial da Secretaria de Educação de Estado de MT

TERÇA FEIRA. 09 DE MARÇO DE 2004		DIÁRIO OFICIAL		Página 03	
DECRETO Nº 2.668, DE 09 DE MARÇO DE 2004. Concede Medalha ao servidor Policial Militar que abaixo menciona. O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 66, inciso III, da Constituição Estadual, e tendo em vista o que consta do Processo protocolizado na Casa Civil sob nº. 106.397-9, DECRETA: Art. 1º Fica concedida a MEDALHA DE TEMPO DE SERVIÇO - PRATA ao servidor policial militar Ten Cel PM JOAQUIM DOS SANTOS SILVA, por contar mais de 20 (vinte) anos de efetivo serviço prestado à Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, nos termos dos artigos 1º e 2º do Decreto nº 688, de 30 de maio de 1984: Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. Palácio Paiaçu, em Cuiabá, 09 de março de 2004, 183ª da Independência e 116ª da República. BLAIRO BORGES MAGGI Governador do Estado JOAQUIM SUCENÁ RASGA Secretário de Casa Civil CÉLIO WILSON DE OLIVEIRA Secretário de Estado de Justiça e Segurança Pública		Art. 3º A unidade escolar ora criada e assim denominada, oferecerá o Ensino Fundamental a partir do ano letivo de 2004. Art. 4º Compete à Secretaria de Estado de Educação tomar as providências necessárias ao funcionamento da Escola referida no artigo 1º deste Decreto. Art. 4º A Escola ora criada, deverá, no prazo máximo de 03 (três) meses, protocolizar o processo de autorização da Unidade Escolar, nos termos do art. 4º da Resolução nº 118/01, do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso. Art. 5º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. Art. 6º Revogam-se as disposições em contrário. Palácio Paiaçu, em Cuiabá, 09 de março de 2004, 183ª da Independência e 116ª da República. BLAIRO BORGES MAGGI Governador do Estado ANA CARLA LUZ BORGES LEAL MUNIZ Secretária de Estado de Educação		DECRETO Nº 2.671, DE 09 DE MARÇO DE 2004. Abre no Orçamento Fiscal e da Seguridade Social do Estado, em favor da(s) FUNDO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO Credito Suplementar no valor de R\$ 3.970.000,00... para atender a programação constante de 2004. O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO, no uso das atribuições que lhe confere o Artigo 64, inciso III da Constituição Estadual, e de Autorização contida no artigo 6º, inciso I e II, parágrafo único, alínea "1" e "2" da Lei 9.065 de 30 de dezembro de 2003. DECRETA: Art. 1º Fica aberto no Orçamento Fiscal e da Seguridade Social do Estado (Lei nº 9.065 de 30 de dezembro de 2003), em favor da(s) FUNDO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO Credito Suplementar no valor de R\$ 3.970.000,00... (TRES MILHÕES E QUINHENTOS E SETENTA MIL REAIS) para atender a programação constante de 2004. Art. 2º Os recursos necessários a execução do disposto no Artigo 1º decorrerão de recursos provenientes do convênio firmado com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FUNDE e o Estado de Mato Grosso representado pela Secretaria de Estado de Educação - FONE 305 - Convênio S/Nº 000244 - pelo Fundo Estadual de Educação - FEE. Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. Palácio Paiaçu, em Cuiabá, 09 de março de 2004, 183ª da Independência e 116ª da República. BLAIRO BORGES MAGGI Governador do Estado YVES JESUS DE MACHADO Secretário de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Social	
DECRETO Nº 2.669, DE 09 DE MARÇO DE 2004. Concede Medalha aos servidores Policiais Militares que abaixo menciona. O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 66, inciso III, da Constituição Estadual, e tendo em vista o que consta dos Processos protocolizados na Casa Civil sob nºs. 105.358-2, 105.357-4, 105.356-6, 106.399-5 e 106.398-7, DECRETA: Art. 1º Fica concedida a MEDALHA DE TEMPO DE SERVIÇO - BRONZE aos servidores policiais militares adiante mencionados, por contarem mais de 10 (dez) anos de efetivo serviço prestado à Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, nos termos dos artigos 1º e 2º do Decreto nº 688, de 30 de maio de 1984: - Maj PM JOSÉ ANTÔNIO COMES CHAVES - Maj PM ROBERSON DIAS PEREIRA - Maj PM SÉRGIO FURLANTE CONEZA - Sd PM MARIA JOSÉ DOS SANTOS - Sd PM ROBERTO ANTÔNIO DE ARRUDA Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. Palácio Paiaçu, em Cuiabá, 09 de março de 2004, 183ª da Independência e 116ª da República. BLAIRO BORGES MAGGI Governador do Estado JOAQUIM SUCENÁ RASGA Secretário de Casa Civil CÉLIO WILSON DE OLIVEIRA Secretário de Estado de Justiça e Segurança Pública		DECRETO Nº 2.670, DE 09 DE MARÇO DE 2004. Dispõe sobre a criação da Unidade Escolar que adiante menciona. O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 66, incisos III e V, da Constituição Estadual, e considerando o que consta do Processo nº. 1.186.160-6, da Secretaria de Estado de Educação, DECRETA: Art. 1º Fica criada a Escola Estadual "Xinôl Myky", na Aldeia Japuíra, Município de Brasnorte-MT. Art. 2º A referida unidade escolar funcionará na Aldeia Japuíra, Município de Brasnorte-MT.		Pror. 000244 UNIDADE: 14301 - FUNDO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ANEXO I CREDITO SUPLEMENTAR PROGRAMA DE TRABALHO (SUPLEMENTAR) 2 RECURSOS DE TODAS AS FONTES CODIGO 1 ESPECIFICACAO 2 IMAT DESP. IPT 3 VALOR 12.344.144 1430303 ALFABETIZACAO DE JOVENS E ADULTOS-LE P 33933600 305 2.970.000 TRACAO ESTADO F 33933900 305 600.000 META FISCAL: CIDADAO ALFABETIZACAO (PES) 60000 TOTAL FISCAL 3.970.000 TOTAL SEGURIDADE 0 TOTAL 3.970.000	

Fonte: PPP, p. 32.

Construímos juntos o Projeto Político Pedagógico (PPP) da nossa escola, com vários materiais didáticos, produzido por nós professores, com o dicionário M'ky, com ajuda dela e da Ruth Monserrat.

Não foi fácil o processo da educação escolar indígena dentro da nossa comunidade M'ky, foi com a colaboração na elaboração do PPP, onde nós professores estivemos presentes nesta construção do PPP. Fomos assessorados por Ruth Fonini Monserrat, assessora linguística ao longo de todos os processos escolares, não só foi ela, mas também as demais companheiras Eunice Dias de Paula, Maristela Torres e Elizabeth Aracy Rondon Amarante, estiveram nos assessorando nas oficinas de elaboração do currículo. Envolvendo toda a comunidade M'ky na colaboração e na elaboração do nosso Projeto Político Pedagógico.

Portanto, descrevo sobre a Educação Tradicional e Educação Escolar, nossa escola indígena estadual é específica da nossa Cultura. Ela é diferente da escola não indígena, nossa escola leva seus princípios do específico e diferenciada conforme a nossa cosmologia, modo de valorizar a Cultura, sempre visando, a educação tradicional do Povo M'ky, onde toda a comunidade é responsável pela educação tradicional.

A aprendizagem das crianças, acontece através dos ensinamentos das coisas e dos elementos da cultura, onde, os pais, dentro da casa, ensinam, as mães ensinam seus filhos afazeres específicos no dia-a-dia dentro da casa, as atividades do universo feminino. Na Educação Escolar, precisamos aprender muitas coisas novas, da sociedade não indígena, mas não podemos esquecer da nossa cultura, não esquecer nossa língua, mas sim, fortalecê-la cada dia mais, precisa que a criança aprenda a língua portuguesa para ter um pouco de conhecimentos das escritas, matemática, das leis, além de buscar outros conhecimentos e tecnologia para defender o nosso direito indígena.

CAPÍTULO II

NA ROÇA CULTIVAMOS A NOSSA CULTURA E PLANTAMOS A NOSSA PRÓPRIA COMIDA

MOPÄPJAJHA PJUTA ONAMÄPI TAÍ ÄKANAMÄPI
Mopapjaha opanamapi pjutany ta pypkjanã mananunamapi mopakjehy ta
takapusakaaranamapi ta jãkanã opanamapi jãkany pjuta

2.1 A roça tradicional Mÿky como espaço socioeducativo

Na nossa cultura, buscamos aprender com os anciãos e anciãs por que eles têm muitos conhecimentos das nossas histórias e cultura. Na nossa forma própria de aprendizagem é importante que todos, crianças, jovens e adultos, aprendam por imersão, que é a participação ativa em todas as práticas culturais realizadas na aldeia, por isso dizemos que aprendemos através da observação, do ouvir e do fazer.

Um dos espaços de aprendizagem que temos é o nosso ritual da roça, que ocorre em dois momentos. O primeiro são as roças que realizamos a cada ano, também fazemos oferecimento na casa de *Jetá* para abençoar nossos plantios e também nossas colheitas. Outro ritual importante é o Ritual da Roça de *Jetá*, que ocorre quando há crianças na idade e no tempo de realizar o processo de iniciação dos meninos. Esse é um ritual de iniciação de meninos. A Roça de *Jetá* é uma roça comunitária, feita especialmente na iniciação dos meninos.

[...] nós jovem temos que aprender com os velhos, por que a história é importante para nós contar para as gerações que tão vindo, por que sempre os velhos contam sua própria história de onde surgiu o menino para que sabemos contar história e até hoje os velhos guardam sua própria história na memória deles desde passado, por isso vamos procurar os velhos para nós aprender. (Depoimento de Jamaxi Mÿky, 2019).

A temática roça é um assunto muito importante para nossa cultura, temos até uma história que conta para nós como que foi a origem dos nossos alimentos. Todos os alimentos que aparecem na história fazem parte da nossa cultura alimentar. Também na cultura, quase tudo que fazemos possui uma história de sua origem e por isso é importante que continuemos praticando nossa cultura. Como vamos contar aqui no texto a nossa história da Origem da Roça.

JÄI TÄNAMÄPI

Mopa'i ijãpáti mokoowy ijãpáti:tikãta miakuapasi
waa:mâtã tounãrãkirã!

To'unãymynâtã wapasi ny.
Tamy mopajomákareju jauxomákareju.

Figura 5: Roça tradicional Mÿky



Fonte: Geraldo Abdias Lopes, 12 de Outubro de 2018.

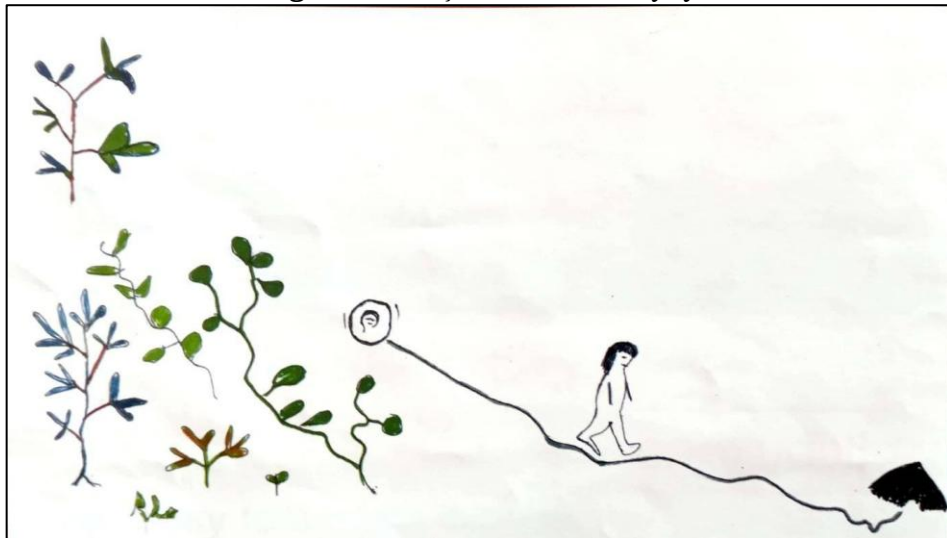
2.2 Mopa'i pjahá pjuta jepte'nemju - O menino que virou roça

Antigamente existia Tikãta, ele era uma liderança, um grande caçador, ele e sua esposa tinham apenas um único filho, o pai do menino sai para caçar e pescar e volta a tarde para casa, quando chegava em casa o menino perguntava para pai se tinha matado caça ou se tinha pegado peixes, o pai não respondia só assobiava para o filho. Sempre quando o pai sai para caçar ele voltava para casa mesmo jeito, o menino perguntava mais ele não respondia só assobiava. Quando o pai do menino foi caçar novamente, o menino resolveu pedir para mãe que o acompanhasse para caçar passarinho, quando chegaram no meio de um capoeira o menino parou e disse para mãe: olha este capoeira bem linda, a senhora me enterra nesse lugar até no meu pescoço e não precisa chorar eu não vou morrer, vou morar aqui mesmo, só me cuida senão eu morrerei. Por isso que fazemos roça e plantamos. Porque é do corpo do menino que surgiram os alimentos. Cada membro do corpo se tornou uma espécie de alimentos:

Da Cabeça-era cabaca
Da costela era feijão costela
Do coração nasceu o cará branco
Do fígado o cará roxo/preto
Da perna era mandioca
Dos dentes nasceu milhos
Das “coisas”, nasceu a raiz de mandiocas

Das costelas, o feijão costela ou feijão comprido
 Das tripas a batata doce
 Do sangue urucum para pintar o corpo
 Do pênis a araruta comprida
 Das partes externa, feijão fava
 Dos cabelos espiga de milho.

Figura 6: Roça tradicional Mÿky



Fonte: Desenho de Jamaxi Mÿky (2020).

Esta imagem representa a mulher da História do Menino que Virou Roça, que foi no mato enterrar seu filho, que pediu para ser enterrado, voltando para sua casa sem seu filho.

2.3 História: A origem da roça

Antigamente o pai do menino saía para pescar e chegava à tarde em casa. Aí o menino perguntava para o pai dele: “Você pegou peixe?” Mas o pai só assobiava para o menino. Sempre que ele saía para pescar e voltava para casa, o menino perguntava a mesma coisa. Mas o pai só assobiava para o menino. Ele começou a desconfiar do pai que já tinha voltado para pescaria de novo. O menino ficou muito enjoado de tanto fazer essa pergunta. O menino pensou que o pai devia achar ele muito ruim, por isso que ele nunca respondia, só assobiava. O menino nunca mais saiu para brincar, só ficava deitado na rede durante alguns dias. Ele resolveu falar para sua mãe: “Você pode me acompanhar? Vamos andar na estrada onde o pessoal anda? Vou levar flecha, estou enjoado de ficar na rede”. Aí a mãe do menino disse: “Vou te acompanhar sim”. E foram saindo, caminhando pela estrada. Chegou bem no meio do caminho, o menino desviou

da estrada e foi na capoeira. O menino começou a ver uma capoeira bem baixa e bem limpa, cheio de pé de jatobá. “Mãe, vamos sentar um pouco aqui”, o menino disse. “Olha, aqui é um lugar muito lindo para mim”. O menino já tinha imaginado que um dia ele ia se transformar em alimento. Ele repetiu para mãe: “Aqui é um lugar muito maravilhoso, mãe! Vamos sentar um pouco aqui e depois você cata meu piolho”. Ela ficou sentada e disse para o filho deitar em cima de seu braço para catar seu piolho. Ela começou a catar o piolho do filho e o menino, que estava de cabeça baixa, começou a cavoucar um buraco no chão. O menino disse: “Olha só mãe, que terra fofa e bem branquinha!” Mas a mãe dele não se importava com nada do que ele falava. Ela continuava catando piolho do menino. Ela terminou e ele repetiu: “Olha aqui mãe, esta área é muito branca, mole e macia.” A mãe concordou, mas disse pra ir embora. O menino contou que sempre perguntava para o pai e ele só respondia com assobio, por isso estava muito zangado. A mãe insistiu para que fossem embora, disse que seu pai era assim mesmo, mas o menino insistiu muito para que a mãe o enterrasse: “mãe, fala para o pai não ficar com preguiça e pede para ele fazer xiri e panela de barro. Você também, não fique com preguiça, faça peneira. Eu já falei coisas boas para você, agora pode me enterrar aqui mesmo. Você cavouca até a metade do meu pescoço. Vou ficar aqui mesmo, pode me enterrar aqui e ir embora. A mãe disse para voltarem para casa, pois o pai já deveria ter chegado. Mas o menino respondeu: “Em casa eu não posso ir porque meu pai sempre assobia pra mim quando eu pergunto pra ele. Mãe, cavouca aqui em volta, está ficando bom pra eu entrar dentro, agora vai embora! Amanhã você volta para me ver de novo.” A mãe não queria largar o menino, mas ele falou pra ela ir embora sem olhar para trás. “Pode ir embora reto, sem me olhar, vai correndo!” A mãe chegou perto da capoeira, sentou e escutou os espíritos derrubado, um sinal de que o menino já tinha se transformado. Ela escutou os vizinhos cantado e gritando, ficou com muito medo e foi embora correndo. Ela percebeu que a derrubada foi muito rápida e pensou: “é verdade o que ele tinha me falando, ele sabia que ia se transformar.” Aí no outro dia ela voltou na capoeira, para ver onde enterrou o menino. Chegando lá, ela viu uma roça cheia de alimentos, tipo cará, batata doce, amendoim e feijão, fava, mandioca, cara roxo, feijão cabaça. Assim foi a história de origem do menino que virou roça.

2.4 Ijãpàtipakjey , takajariki (Ensinamos e aprendemos com a Roça de Jetá)

Para a realização deste ritual da Roça de Jetá, existe um grande movimento de organização e preparação que pode durar meses de conversas e reuniões na comunidade e também convidamos e realizamos esse ritual com os parentes Manoki, vamos até a aldeia dos Manoki e fazemos o convite para realizar o “Batizado” das crianças, como também costumamos

falar, ritual que é de iniciação dos meninos.

A seguir, vamos descrever como é realizado o ritual da Roça de Jetá, e logo depois vamos falar da importância desse ritual para nossa forma própria de ensinar e aprender na nossa cultura.

Geralmente o ritual de iniciação das crianças ocorre na época da derrubada da roça. Tradicionalmente essa é uma tarefa essencialmente realizada pelos homens, não quer dizer que as mulheres não participam, mas elas também realizam outras atividades que são importantes para a realização do ritual da Roça de Jetá, como por exemplo, a preparação dos alimentos que é feita comunitariamente. Mas, no ritual as mães têm um papel muito significativo, que é o aconselhamento da criança que vai participar do ritual de iniciação.

Para compreender o papel educativo do ritual vamos dividi-lo didaticamente em etapas, e assim vamos elucidando alguns temas e, ou conceitos importantes na cultura M̃ky.

A primeira etapa é quando vamos realizar as festas, rituais e trabalhos comunitários com a nossa própria forma de organização, que chamamos de Watuhowy (quer dizer fazer todos juntos), que é o jeito M̃ky de fazer mutirão.

2.5 Takika (Faça assim mesmo)

Antigamente nós fazíamos a derrubada da roça com o machado de pedra e para fazer a roça levava meses e meses. Para fazer o roçado e derrubada era muito difícil, hoje em dia nós utilizamos coisa dos não indígenas, sendo assim, fica mais fácil fazer roça com motosserra e machado. Atualmente quando vamos fazer roça bem grande e comunitária, sempre estivemos todos unidos para fazer roça de comunidade, juntamente com nossos espíritos que é Jéta. Quando vamos fazer a roça, primeiro procuramos lugar onde vai ser a roça, em seguida começamos a fazer roçada e derrubada na roça, no mês de setembro vêm a queimada e no mês de outubro, quando vem a primeira chuva, é a época de plantar.

Quando nós vamos fazer a roça bem grande e comunitária, sempre estivemos todos unidos, juntamente com nossos espíritos que é Jéta. Quando fazemos a roça, primeiro procuramos um bom lugar de terra boa. Em seguida, começamos o roçado, assim que terminar de roçar tudo, vem a derrubada e logo quando o mato cortado seca, fazemos a queimada. Depois é só esperar a primeira chuva para plantar a roça. Tem o tempo para plantar e o tempo para colher, assim, nós fazemos o plantio na roça comunitária. Depois só esperamos os alimentos crescerem. Na roça comunitária sempre trabalhamos todos juntos com nossos espíritos sagrados, e também levamos os jovens para olharem Jéta, voltar a ser envolver e conhecer que fazer roça é importante. Sempre fazemos roça para demonstrar ao não indígenas, que o povo

Mỹky tem resistência.

É nosso costume quando colhemos nossos alimentos oferecemos chicha (Milho, mandioca, cará) para Jetá, na casa ritual dos homens.

My'kanã ikakao
 Mopa'i
 Jã kumãta onamápi
Onã onamápi
 My'y onamapi
 Kuratu onamápi
 Nânamã are mjopankje pjuta jepte'y
 My'y, onã, kumãta'a, jananã, kuratu

Figura 7: Roça comunitária com vários alimentos tradicionais do povo Mỹky



Fonte: UMENA Mỹky 06 de setembro de 2024.

Jã kumãta onamápi mópapjaha
 Onã onamápi
 My'y onamápi
 Kuratu onamápi
 Nânamã are mjopankje pjuta jepte'y
 My'y, onã, kumãta'a, jananã, kuratu

Figura 8: Roça de cheia de toco de milho fofa



Fonte: UMENA Myky, 06 de setembro de 2024.

Kamanînpja kuratu oparomy

O jepte'y utaopani

Jã kuratu jepte ãkaopa

Kuratu itakika ãkaopa

Kuratkanã kamaaraopa.

2.6 O ensinar e o aprender no Ritual de Iniciação dos Meninos (Roça de Jetá)

Por uma questão de ética, ao tratar esse assunto, que é coberto de muito segredo, e pela questão de segredo de nossa religião, não iremos falar do tempo em que os meninos passam no ritual, mas vamos falar dos momentos que antecedem a ida deles para o ritual e os momentos de retorno à aldeia.

Como nos ensinou Paulo Freire, “Não há prática pedagógica que não parta do concreto cultural e histórico”, começamos essa reflexão com a mesma frase que Elizabeth Araçy Rondon Amarante iniciou o seu texto *Espaços culturais e eixos temáticos: Uma abordagem da roça Mÿky como proposta pedagógica*, que muito ilustra toda a nossa pedagogia e metodologia utilizadas por nós professores indígenas na educação escolar.

Para nós comunidade Mÿky, não nos interessa que o estudante aprenda somente a matemática grega, mas também queremos que ele aprenda a nossa etnomatemática aplicada no fazer do dia a dia, herança passada de geração em geração de nossos conhecimentos ancestrais. Como podemos observar na foto, a seguir, um professor fazendo uma réplica de uma casa

tradicional.

Para Amarante, as formas próprias de aprendizagem Mÿky, favorece esse ensinar os conhecimentos ancestrais:

Na vida mÿky a AÇÃO PEDAGÓGICA comunitária possibilita o ONTEM permanecer vivo e atuante no HOJE, na construção e reconstrução de sua identidade para o AMANHÃ. Uma ação pedagógica comunitária que brota da TERRA, porque as crianças vivenciam todo o processo educativo em contato direto com o seu ambiente. É na roça, é no contato direto com o plantio, colheita e preparo do alimento, na caça, na pesca ...que a criança aprende, que ela vivencia o “ser aprendente”, a partir do desenrolar de toda uma metodologia pedagógica ancestral. Aprende vivenciando atitudes singelas, mas significativas, com a metodologia própria do sistema educacional indígena, ou seja: espiar, escutar, repetir a palavra ou o gesto, ensaiar o aprendizado quantas vezes for necessário e finalmente fazer, executar a tarefa, realizar o ato. E assim as Crianças indígenas tornam-se sempre mais sujeitos sociais e não objetos passivos de educação. A criança mÿky atualiza, portanto, a cada passo, esse desafio de pôr os pés no caminho, de sair em busca do novo, se adentrar em outro mundo, mas sempre carregando os valores ancestrais no âmago de sua identidade, como algo inerente ao seu próprio ser (Fala de Elizabeth Aracy Rondon Amarante no Congresso da AELAPI) (Amarante, 2017, p. 24).

O Ritual de iniciação dos meninos que ocorre no Ritual da Roça de Jetá, é um dos momentos mais significativos da educação para a formação de sua personalidade e de sua identidade cultural. Pois é um momento em que os meninos que estão participando do ritual têm aconselhamentos, e levará por toda a sua vida.

Para participar desse ritual, não tem uma idade em números, o critério é a própria família que faz uma avaliação criteriosa se o menino está pronto para cumprir todos os compromissos que o ritual exige. Se avaliarem que o menino está pronto, aí começam a prepara-lo para a ida ao ritual.

Na etapa, que antecede a ida dos meninos para o ritual, as mães desempenham um papel fundamental de preparação para enfrentar sem medo essa jornada que não é fácil. Elas, além de seu papel educativo de aconselhamento, desempenham o papel de preparar as roupas e o xirê com todas os objetos que necessita para passar o tempo necessário no ritual de iniciação.

Conforme vemos nas fotos a seguir, o momento de participação das mulheres no ritual de iniciação dos meninos.

Figura 8: As mães e demais mulheres da comunidade despedem-se dos meninos em saída para o ritual de iniciação



Foto: Umenã Mýky, julho 2023.

Então aqui, Paatau Mýky passa informações para aqueles que vão se iniciar para o batizado cultural e quando os meninos irem conhecer Jéta, chegam lá na derrubada da roça e lá tem suas regras que tem que seguir com muita atenção e cuidados. Seguir toda as regras que o ritual sagrado propõe para os homens, durante a roçada da roça comunitária. E tudo isso ela repassa para os jovens antes de ir a conhecer JÉTA, não só Paatau que passa as informações, mas todas as mulheres repassam essa informação para os meninos que serão batizados.

Figura 9: As mães de cada menino se colocam atrás de seus filhos e os apresentam a comunidade



Foto: Umenã Mýky/julho 2023.

Figura 10: Os meninos em fila caminham para a casa ritual dos Homens



Foto: Umenã Mÿky/julho 2023.

Essa fotografia, representa muito para meu povo que é a cultura sagrada: batizado dos meninos.

2.7 O papel das mulheres e das mães no Ritual de Iniciação dos Meninos

“Mokoowy ijãny patikikany tai namymipjuny anãkikany ijã jawuxomakareju miakuapany mopai somakareju ta ijã patikikany,wapjuamu akanamapinãta jãijã takika waapjuma mijjakuapakinã anãpjukjey miajamipjuginã wamami anãkijey tai mytykjanã waapjumaju miakuapakinã ta akaapjamaju matakinã JÉTA. Atakapjupa miakupakinã. Ta Mokoowy ijãny patikikany jetany ypymakareju miakuapakinã, anãarakikany ta ypymakareju ta namyia waatjakapjumaju miakuapakinã”.

(Trecho do discurso das mulheres na saída dos meninos para o ritual de iniciação).

Ao contrário do que muitos imaginam sobre uma sociedade em que funciona a regra da divisão sexual do trabalho, essa organização não significa que aquela sociedade é machista. Entre nós Mÿky, os homens têm seus trabalhos e as mulheres também. Muitas vezes os trabalhos das mulheres têm uma carga horária muito maior do que a dos homens.

Assim, como em várias dimensões da vida, no ritual de iniciação dos meninos, a mulher tem um papel educativo fundamental. Além das mães as mulheres, principalmente as anciãs tem o papel de recordar a História do Menino que Virou Roça, elas, geralmente fazem um

discurso e logo em seguida entoa um canto rememorando a História. As mães aconselham os meninos a se portarem bem no ritual, caso não o façam, podem acontecer o mesmo que ocorreu com o menino da História que não retornou mais para casa.

CAPÍTULO III

TECENDO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA A PARTIR DA HISTÓRIA DO MENINO QUE VIROU ROÇA

Neste capítulo será apresentado a experiência pedagógica, na qual me incluo como professor indígena na Escola Estadual Xinui Mÿky, escola da minha comunidade, localizada no Noroeste do Estado de Mato Grosso. Trata-se de uma exposição a partir da proposta pedagógica que a E.E.I Xinui Mÿky, vem propondo desde a sua criação em 2005, a partir da experiência da educadora Elizabeth Aracy Rondon Amarante, a qual chamamos pelo nome indígena de Jursi. Essa educadora tem importância na definição do ensino e aprendizagem na escola Mÿky, introduzindo um ensino escolar a partir da cultura, isto é, produzir o conhecimento escolar a partir da cultura Mÿky e da língua materna.

Por outro lado, vale lembrar que o currículo do Estado do Mato Grosso, fruto de lutas dos próprios professores indígenas, incluem para as escolas indígenas a área de conhecimento Saberes Indígenas, subdividindo-se nas disciplinas Práticas Agroecológicas, Práticas Culturais e Sustentabilidade e Tecnologias Indígenas, permitindo ao professor incluir no trabalho pedagógico a sua própria cultura.

A educação escolar indígena, demanda aos professores indígenas, o compromisso de mobilizar saberes ancestrais e os recursos que se dispõe no território com o objetivo de construir experiências pedagógicas que possibilitam uma formação que valorizem a identidade, história, cultura e seu modo de vida.

Refletindo sobre a própria prática pedagógica na escola, para a educação escolar indígena, não faz sentido, retirar os estudantes de seus espaços culturais que se apresentam, a nosso entendimento como espaços privilegiados de aprendizagem para estarem em sala de aula. Por isso, é importante a escola indígena lutar para garantir que as práticas culturais sejam consideradas como dia letivos.

Segundo Amarante (2010),

[...] é na vivência dos rituais próprios em espaços culturais significativos que os povos encontram, hoje como ontem, o sentido de viver e a certeza de sedimentar sua resistência para construir sua esperança. A construção de um projeto de sociedade é sempre a conquista de um espaço de vida e esse espaço simbólico se concretiza em espaços culturais determinados até mesmo geograficamente (Amarante, 2010; p. 20).

A metodologia que a escola Mÿky tem desenvolvido, desde a sua criação, ocorre em três etapas: Pré-Prática Cultural, Vivência da Prática Cultural, Pós-Prática Cultural. Esses

momentos compõe a metodologia de trabalho em que a partir da preparação, da vivência (imersão) dos estudantes nestes espaços culturais, e o pós prática cultural, culminando na sistematização dos conhecimentos adquiridos. Neste sentido, as Práticas Culturais tornam-se Objeto de Conhecimento e são campos férteis para a produção do conhecimento em sala de aula. Contudo, cabe ressaltar, que nesse processo de ensino e aprendizagem, o papel do professor é ser mediador, o docente atua como um guia, orientador da atividade. Assim o conhecimento é produzido coletivamente.

3.1 Preparando os estudantes para as Práticas Culturais

Num primeiro momento, é importante discutir a preparação dos estudantes para a participação ativa nas atividades culturais que ocorrem na comunidade e escola, estudantes, professores, direção são engajados na atividade proposta. Neste sentido, são realizadas roda de diálogo com os estudantes informando sobre a atividade que será realizada. É o momento da organização e o de pensar a tarefa juntamente com os estudantes. Também nesse momento que são feitas reflexões sobre a atividade e sua importância para a comunidade e para os estudantes.

Vencida essa etapa das orientações gerais sobre a proposta de participação ativa na Prática Cultural, torna-se necessário o desenvolvimento de atividades de problematização inicial dos conteúdos que poderão ser trabalhados pelos professores das turmas de unidocência e ou das respectivas disciplinas e ou temas transversais conforme o planejamento dos professores. O relevante é que cada professor traga a temática e sua importância para a discussão com os estudantes nesta fase.

Destacamos que todos os estudantes, professores, são orientados a participação ativa em toda a prática cultural que está acontecendo na comunidade.

Este ano de 2023, devido à realização do Ritual da Roça de Jetá, quando a comunidade faz o Rito de Iniciação dos Meninos, as atividades de preparação pedagógica da atividade tiveram início no mês de abril de 2023. Lembramos que esse ritual ocorre e tem várias etapas e acompanha o ciclo de feitura da Roça que, em 2023 segue as seguintes etapas: No mês de Julho derrubada e saída das crianças para o Ritual de Iniciação, final de julho-queimada e setembro-plantio. Porém, por uma questão de organização pedagógica ficou decidido que este projeto pedagógico seria desenvolvido com a turma do 9^a ano do Ensino Fundamental. Como era professor do 9^o ano do Ensino Fundamental, desenvolvi este projeto pedagógico como forma de fortalecer nossa cultura ancestral da Roça de Jetá (Roça Grande Comunitária).

A primeira etapa do projeto foi a preparação dos estudantes para participar ativamente

dessa prática cultural e religiosa do nosso povo.

Em sala de aula realizamos rodas de conversa sobre o ritual para a nossa cultura e também utilizamos pesquisa sobre a história do Menino que Virou Roça, versão contada pela anciã Paatau Mÿky (Versão escrita que trouxe aqui na dissertação), porém ela contou oralmente e nós transcrevemos para a escrita.

Figura 11: Roda de conversa em preparação para a atividade turma do 9º ano do Ensino Fundamental



Fonte: Foto realizada por Prof. Kawixi, (maio 2023)

Logo após essa roda de conversa, fomos com a turma na casa da anciã Paatau Mÿky, quando ouvimos a história do Menino que Virou Roça.

Na sala de aula, fizemos a tradução e a escrita da história do Menino que Virou Roça, que foi um exercício de tradução da Língua Materna para a Língua Portuguesa.

Figura 12: Turma do 9º ano transcrevendo a história do Menino que Virou Roça



Fonte: Foto de Umenã Mÿky (junho de 2023).

Conforme nossa tradição e cultura, os homens adultos vão para a roça e as mulheres fazem

as comidas para o ritual. Na semana que antecede o ritual, as mulheres arrancam a mandioca para fazer o *beiju*, comida tradicional do nosso povo. Nessas atividades os estudantes participam das tarefas. Para a escola Mÿky as atividades culturais são contadas como dias letivos.

Figura 13: Estudantes do 9º ano ajudando no preparo do biju



Foto: Umenã Mÿky (julho, 2023)

Conforme podemos observar na imagem, os jovens estão ajudando descascar as mandiocas e depois ralar para fazer as massas de beiju, que futuramente será oferecido para nosso ritual sagrado JÉTA. No entanto, traz a grande importância para juventudes Mÿky a olhar um aprendizado diferente, sempre motivando estudantes levarem os conhecimentos do Povo Mÿky, seus princípios de saberes ancestrais e bem viver da comunidade. Dentro de uma organização social da comunidade Mÿky.

3.2 Vivência e participação ativa nas Práticas Culturais

Esta etapa, é a participação e vivência dos estudantes e professores nas Práticas Culturais que a comunidade realiza, seja ela de qualquer natureza, ligada ao sagrado como os rituais, e ou práticas culturais relacionadas as atividades de trabalho e subsistência, ou ainda atividades de caça, pesca e coletas. A metodologia aplicada nesta etapa é a *imersão*, em que estudantes e professores vão para a prática. Esse é um momento em que o estudante indígena participa ativamente, não como um mero observador, mas se torna sujeito de sua própria aprendizagem. É o aprender fazendo em um ambiente considerado na educação indígena como extensão da sala de aula. Neste sentido, “O processo de imersão pode ser descrito a partir do ato de imergir-se, internar-se ou introduzir-se”. (Dalfro Filho, 2019, p. 20).

3.3 A importância do pós Práticas Culturais como processo de elaboração e sistematização do conhecimento

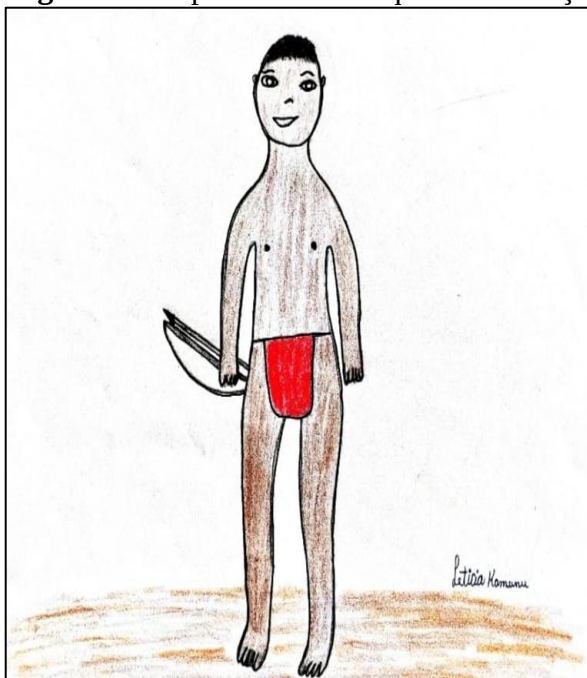
Terminada o período da participação dos estudantes e professores na Prática Cultural na sua comunidade, reinicia o período de aulas na unidade escolar. Num período de uma semana após a Prática Cultural, discutimos as atividades desenvolvidas por cada estudante e professores na sala de aula, como forma de sistematização do conhecimento. Consideramos as práticas culturais da comunidade uma atividade de grande importância para a aprendizagem e formação do estudante, pois, o estudante por meio da vivência e do contato com o objeto estudado, desencadeia o processo de conhecimento e (re) construção da sua comunidade e de si mesmo, enquanto identidade e pertencente aquela cultura.

Neste tópico é importante observar a intencionalidade do planejamento em transformar e explorar a atividade em *Objeto de aprendizagem*, quando cada professor irá realizar de forma transversal, percorrendo todas as disciplinas, desenvolvendo os conteúdos aplicáveis através de textos, jogos e histórias.

Esta etapa possibilita a reflexão sobre os problemas encontrados por cada estudante e professores e a importância que tem os Conhecimentos e Saberes Indígenas e seu lugar na escola indígena e na sala de aula.

A etapa final do projeto pedagógico, que chamamos de pós prática cultural, foi desenvolvido a leitura do texto escrito da história do Menino que Virou Roça, versão escrita no Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena Xinui M̃yky. E a partir da história do Menino que Virou Roça, os estudantes da turma do 9º ano fizeram as ilustrações do texto com o objetivo de fazer um material pedagógico para leitura para a escola.

Figura 14: O pai do Menino que Virou Roça



Fonte: Desenho de Letícia Kamunu

A imagem representa um pai com os trajes “tradicional” que saiu com sua flecha para caçar para sua família.

Figura 15: O pai do Menino que Virou Roça caçando e pescando



Fonte: Desenho de Koparauku Mjky (julho de 2023)

Imagem representando o Pai caçando um porco silvestre no meio da floresta com seus trajes, tradicional do seu povo.

Figura 16: O retorno do pai da criança que virou Roça da caçada



Fonte: Desenho de Karauku Mÿky (junho 2023)

Pode-se observar, a partir das imagens dos desenhos, que os estudantes representaram o pai do menino que virou roça durante uma prática de caçada de animais na floresta para o sustento da família. Os desenhos são feitos por estudantes diferentes, mas que trazem a narrativa da caça como elemento para a sobrevivência do povo Mÿky.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação buscamos compreender como a história do *Menino que Virou Roça* contribuiu para os processos de construção das práticas de ensino e aprendizagens da pedagogia tradicional do povo M̃ky, juntamente com os informantes da pesquisa que foram os estudantes do ensino fundamental e médio da Escola Estadual Indígena Xinuí M̃ky.

A amostragem delineada para realização desta pesquisa acadêmica ocorreu a partir das atividades desenvolvidas por nós professores indígenas juntos aos alunos, comunidade escolar indígena e anciãos da sociedade M̃ky no período dos anos 2020 à 2024.

A realização de uma pesquisa acadêmica investigativa e propositiva, dentro do nosso próprio espaço de atuação profissional, mostrou-se algo desafiador, ao mesmo tempo envolvente e necessário, ultrapassando algumas barreiras no meio dos caminhos, de fortalecimento do protagonismo e autonomia do aprender indígena, em uma escola com o Projeto Político Pedagógico concordante com a educação indígena específica e diferenciada, condizente com a cosmologia e bem viver do povo M̃ky.

A partir de nossas experiências vividas no cotidiano de professor indígena e pesquisador, procuramos neste processo, compreender o processo de ensino e aprendizagem. Algo que nos proporciona continuar na construção de uma escola do e para o povo M̃ky.

Esta pesquisa descreveu, refletiu e analisou as experiências pessoais e profissionais de um educador indígena, conforme as narrativas histórias da tradição oral, onde aprendemos ouvindo os mais velhos (anciãos) que nos ensinaram, nos passa os saberes da ancestralidade do Povo M̃ky. Elementos fundamentais a serem valorizados no processo formativos de cada ser M̃ky.

Na perspectiva de alçar os elementos acadêmicos, buscando continuamente mais informações para a abertura dos novos conhecimentos, busquei compreender as novas formas de lidar com o ensino e aprendizado indígena.

Nesta pesquisa, como um acadêmico indígena de mestrado e professor do ensino médio, sempre busquei a continuidade e o aprimorando dos saberes m̃ky articulando com conhecimentos educacionais ocidentais, sem esquecer a essência do ensino tradicional indígena.

Esses saberes e valores ocidentais em conjunto com manutenção dos saberes tradicionais indígenas, buscam na educação continuada, contemporânea formas de ensino de qualidade profissional.

Como professor e educador indígena, para cada vez mais aprimorar o conhecimento e a

aprendizagem educacional, dos conhecimentos não indígena, sem esquecer a diretriz do conhecimento indígena dentro da própria comunidade.

Para alcançar, como o professor e pesquisador indígena, é imprescindível conhecer as histórias, as narrativas, pesquisando os saberes do povo, fortalecendo o valor da educação tradicional indígena, trilhando o melhor caminho e formas de lidar com o processo de ensino e aprendizagem das crianças e da juventude do povo M'byky.

Nessa jornada acadêmica como pesquisador, pretendo caminhar fortemente na sensibilização da comunidade, para sempre continuar com nossa cultura forte e permanecendo saberes ancestrais, imemoriais e tradicionais do povo M'byky em seu bem viver.

Fortalecendo a nossa Cultura M'byky, para que nós não percamos nosso modo de viver, mantendo rito do povo, continuando e levar os nossos ancestrais vivos, mantendo o saber falar a nossa própria língua materna, construindo para as nossas novas gerações, que estão por vir nas famílias do povo M'byky.

A nossa educação específica e diferenciada, é a forma de compreendermos um futuro melhor, com forma de aprender, também, os outros conhecimentos não indígenas, buscando novas formas de ensino e aprendizagem, para conservar as condições de vida indígena.

Para construir continuamente, o caminhar do saber no ensino e aprendizagem, sempre na busca da melhoria, dos aprimoramentos do ensino no conhecimento intercultural indígena.

A experiência deste trabalho, é relevante para mim e para o meu povo, pois traz para a comunidade, o acesso dos registros desta pesquisa científica, que ficará registrada, disponível no acervo da escola, para que as gerações atuais e futuras, possam conhecer esta pesquisa, que é também o registro acadêmico e histórico do primeiro professor mestre do povo M'byky.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Elizabeth Aracy Rondon. **Espaços Culturais e Eixos Temáticos: Uma Abordagem da Roça M̃yky Como Proposta Pedagógica**. I SEEJA - Seminário de Educação de Jovens e Adultos. - PUC-Rio, 2010.

SANTOS LUCIANO, G. J. dos. Educação indígena no país e o direito de cidadania plena. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 345–357, 2013. DOI: 10.22420/rde.v7i13.310. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/310>. Acesso em: 1 dez. 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CANTINI, Gianpaolo Primo Pietro. **Etnohistória M̃yky**. Dissertação de graduação, Licenciatura Plena em História, pelo Departamento de História da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Tangara da Serra (MT), 2007

DALTRO FILHO, Gildasio de Cerqueira. 10 ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica Em Rede Nacional (Profept). Instituto Federal De Santa Catarina Centro de Referência em Formação e Educação à Distância (Cerfead). (Guia de estratégias didáticas para a educação profissional) 2019.

LISBOA, Thomaz de Aquino. **Entre os Índios M̃unkü**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo, Edições Loyola, 1979.

MELIÀ, Bartomeu. **Educação Indígena na Escola**. In: Cadernos Cedes, ano XIX, nº 49, Dezembro/99.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, MEC, 1998.

MONSERRAT, Ruth. **A Língua do Povo M̃yky**. Tese de doutorado. Campinas: Curt Nimuendajú, 2010.

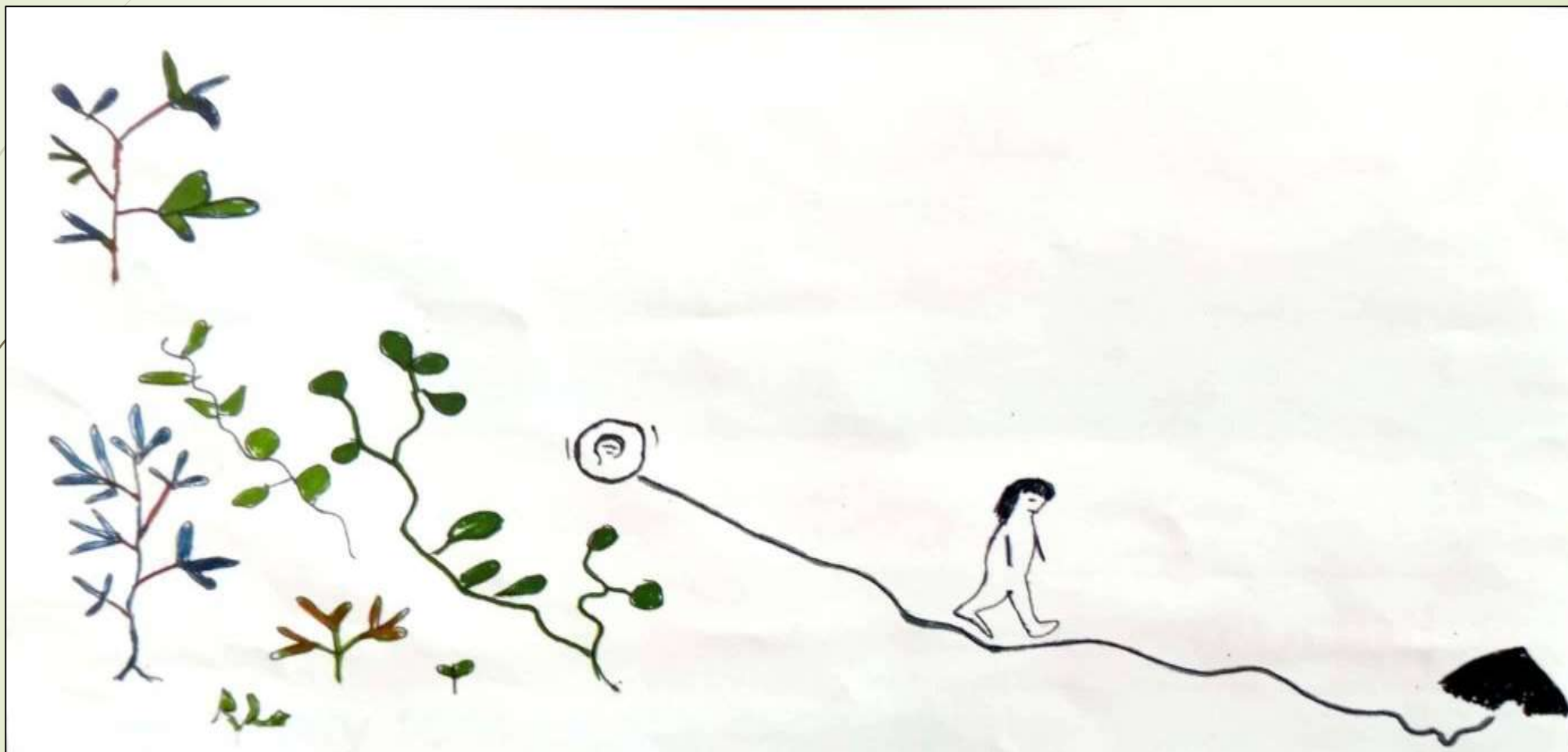
PAULA, Eunice Dias de. **Os saberes e os valores indígenas transformando os processos de escolarização**. In: Revista de Educação Pública, Cuiabá, vol. 26, n. 62/1, p. 355 a 372, maio-ago. 2017.

PACINI, Aloir. **Um artífice da paz entre os Rikbaktsa**. Aloir Pacini. – 1. Ed. -Cuiabá: EDUFMT, 2019.

PREZIA, Benedito. **Caminhando na Luta e na Esperança**. Editora Loyola, 2003.

Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Estadual Xinui M̃yky. Escola Indígena Estadual Xinui M̃yky, Aldeia Japuira, Brasnorte, 2008.

MIĀKUAPA JAWUXOMAKAREJU MOPANI. O MENINO QUE VIROU ROÇA



Desenho de Jamäxi Myky 2019

Participantes:

Awai Myky
Karauku Myky
Marikanānu Myky
Letícia kamunu
Tipuu Myky

Kamunu Myky
Kamtinuwy Myky
Marikau Myky
Njāu Myky



Organizador

Professor Umenā Myky

Aldeia Iru'ú (Japuíra)

2023

Apresentação

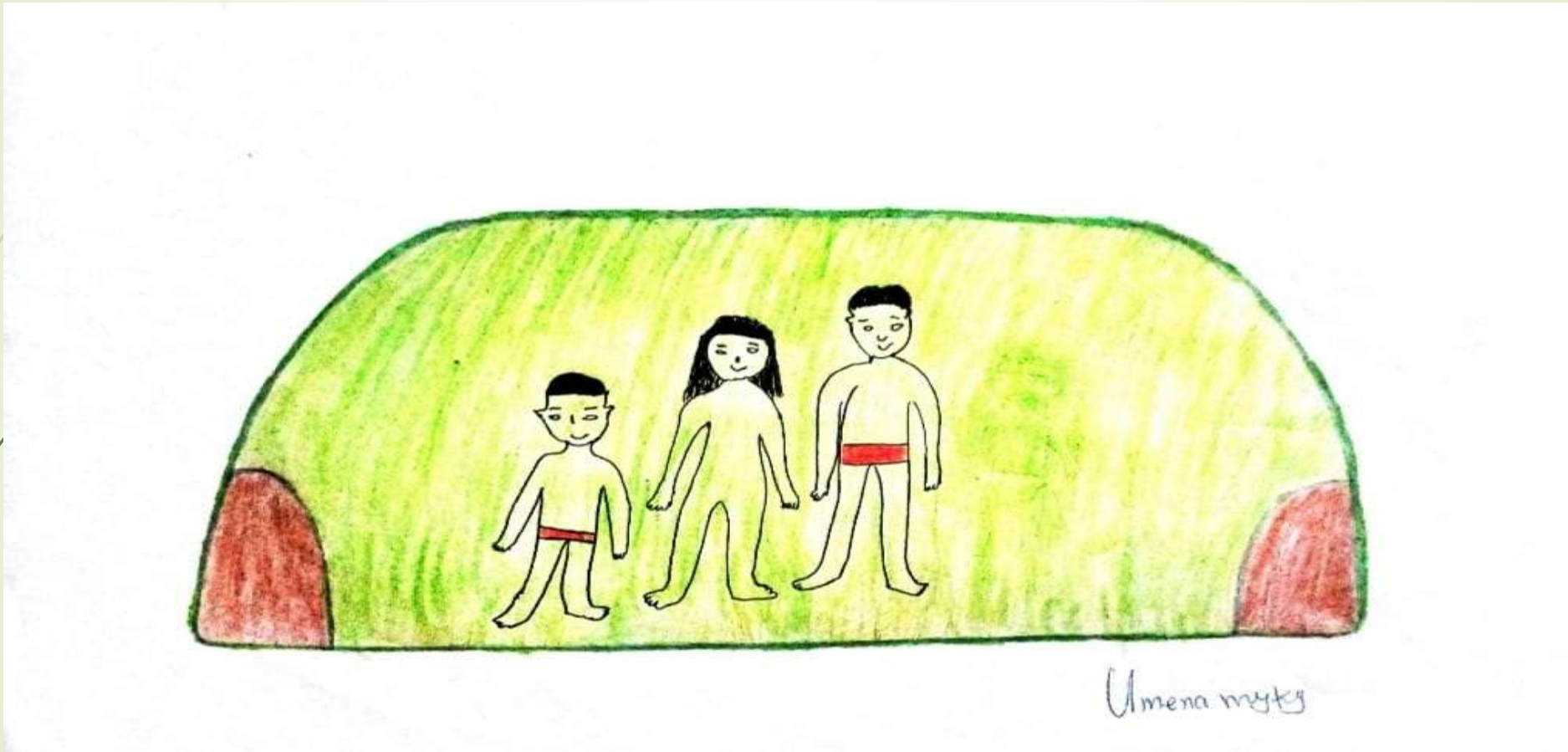
Este material pedagógico foi produzido a partir da história **O Menino Que Virou Roça** trabalhado nas aulas mediadas pelo professor Umenã Myky na Escoa Estadual Indígena Xinui Myky com a turma do 1º Ano do Ensino Médio. As atividades que teve como objetivo trabalhar as Práticas Culturais na escola foram realizadas como desenvolvimento da pesquisa de mestrado tendo como tema O Menino que Virou Roça a partir da participação ativa dos estudante no ritual de iniciação dos meninos. A pesquisa fez parte do Mestrado Profissional do PPGECLII - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, da Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT.

Conforme descrito no texto da dissertação este trabalho teve três momentos: Preparação das atividades, participação na atividade e pós-atividade e teve como objetivo relacionar os saberes contidos na história O Menino que Virou Roça com a prática cultural do Ritual de Iniciação dos Meninos (Roça de Jetá) com a prática cotidiana da comunidade compreendendo que a cultura é parte integrante e indispensáveis do currículo escolar.

Tendo a convicção que cultura também é currículo, estas atividades fizeram parte do ensino das disciplinas de Língua Materna, Artes, Língua Portuguesa, Tecnologias Indígenas, Práticas Culturais e Sustentabilidade e Práticas Agroecológica, possibilitando aos estudantes um aprendizado de valores ancestrais sobre sua história e sua cultura.

Optamos por apresentar o material utilizando a metodologia bilingue como material de leitura na Língua Myky e Língua Portuguesa.

MOKOOWY TIKATANY WAPANY TAI MJUU.



ANTIGAMENTE ERA UM CHEFE, A ESPOSA E UM FILHO ÚNICO.

MAJĀNY KARENEPJATYNI MANĀPJAHA TA PYKJANĀ NIKUAPANY WAPATINY:



O PAI SAÍA PARA CAÇAR, PESCAR E QUANDO ELE VOLTAVA PARA CASA,
O FILHO DELE PERGUNTAVA:

**- ARETÃ KIMJA MANÃTINI WATAPA,WÃKA,PATÃKA,TA MAJÃNY
WAAJANJEPJATINI TA MAJÃNY KATANJEPJATYNI.**



**- PAI, VOCÊ CAÇOU ALGUM BICHO, POMBA, MACUCO, MACACO?
MAS O PAI NÃO RESPONDIA, SÓ ASSOBIAVA PARA O FILHO.**

**JOMJAPJAH MAJÃNY TONEPJATINI AWYPJANHA MIATAPANY.
PYKJANÃ AWYNJEPJATYMI TA WAPANY PANIÃNANJEPJANI
ARETÃ APJUTIMI MIATAPANY TA PYPKJENA MIJÃNY
KATANJEPJATINI NIKUAPAKINY.**



**E NO OUTRO DIA, O PAI FOI DE NOVO CAÇAR E PESCAR. QUANDO ELE CHEGAVA, A
MESMA COISA. O FILHO PERGUNTAVA:
- PAI, VOCÊ PEGOU PEIXE?
E O PAI SÓ ASSOBIAVA.**

**TA MIAKUAPANY URAROPJATYNI TA WAPATYNI MJUKINÃ PAJA
TAKARETANI IJÃPJAHA, TA AJETANI IRINI.**



**ENTÃO O MENINO FICOU MUITO ZANGADO E DISSE PARA A MÃE:
- MÃE, VAMOS ANDAR NA ESTRADA, CAÇAR PASSARINHO?
E O MENINO PREPAROU AS FLECHAS E FORAM.**



**TAKAMAPJATYNI PAKJEHY TA MIAKUAPANY APJATYNI KĀMANI
MAĀTAKAO TA MIAKUAPA TOPATINY PATAKJEHY MIRI TAI
WAAPATYNI MJUKINĀ TOUNAKIRA APAKANĀ PATAKJE AREI
AYKUARAOPANY TAPATINI WAPANY TA MJUNY WAMY TERA
TOUNĀSAARAOPANI TAMY MJUU.**

- MJUU WAMY TERA, TA MIAKUAPA PYTA WAMY!

**MIAKUAPA WAAMY TOUNAYKIRĀ TAMY MIAKUAPA MJUKINĀ EREI
PAKJENĀ ARETAKINĀ WWPAKY TA JAKAPY WAARAKY PYPJANĀ
KATANEJU.**

**TAI WASARANĀTĀ TOUNAYNAKIRA TAMY MIAKUAPANY, MJUKINĀ
TAI MOKJEKUSOOPANY APA MIKJEHY.**



CHEGARAM LÁ NO MATO, O MENINO VIU UMA CAPOEIRA MUITO BONITA. LÁ NO MEIO DESSA CAPOEIRA, ELE CAVOU UM BURACO REDONDO E DISSE PARA A MÃE:

- MÃE, ME ENTERRA AQUI, EU NÃO VOU MORRER.

MAS A MÃE NÃO QUERIA ENTERRAR O FILHO.

- VOCÊ É MEU FILHO, EU NÃO VOU ENTERRAR VOCÊ!

MAS O MENINO INSISTIA:

- MAMÃE, VOCÊ TEM DE ME ENTERRAR PORQUE EU PERGUNTO PARA MEU PAI E ELE NÃO RESPONDE CERTO PARA MIM. SÓ ASSOBIÁ.

E A MÃE CHOROU MUITO E ENTERROU SEU FILHO. SÓ A CABEÇA DO MENINO QUE FICOU PARA FORA.



**TAI MIAKUAPANY WAMY MJUKINÃ, SÃI ARERAKIRA TAMY MIAKUAPA
TAI, TOTAKOHU TA MANÃNUKIRÃ ATUHU, IMJU, TA WAKIRÃ ARETÃNY
MANÃNJUJÃMASAOTINY, PYRI, TA JOMJEKJEHY OSARAKIRA
TAPATYNY MIAKUAPANY MJUKINÃ.**



DEPOIS, O MENINO DISSE PARA A MÃE:

**- PODE IR, MAS NÃO OLHE PARA TRÁS E CHEGANDO LÁ, VOCÊ VAI FAZER PENEIRA, PAU PARA
CAVOUCAR E DIZ PARA O PAI FAZER O XIRE E DEPOIS DE UNS DIAS VOCÊS VOLTAM AQUI.**

MJUNY XAPJATYNI TAI ANYPJATYNI JATATAKIKANÃ JÉTANY MJUU XIMIROPJATINI.



E QUANDO A MÃE SAIU DE LÁ OUVIU UM BARULHO DO FILHO GRITANDO E JÁ ERA O SINAL DA “JÉTA” QUE TAMBÉM SE CHAMA “VIZINHO”.



**JOMJEKJEHY MAJÃNY,MJUNY TJAKAI AKAMAPJATINI ATJAI
MIAKUAPAKINÃ, TAI AMJEPJATINI MOPAI JAMAPU.**

Mimjãny Myxomakareju

Matyny Jawuxomakareju Mypyny

Mimjãkipjuny Kuwypjakaxomakareju

Njapyny jawuxomakareju Kumatairu

Mixini jawuxomakareju Kumatamai

Njopakahy Jawuxomakareju Ona,a

Njãmihi Jawuxomakareju Onã kyty

Mani Jawuxomakareju Mytjuruu

Xuru Jawuxomakareju Ona,a

Mahy Jawuxomakareju Pajari

Mani njãkãty Jawuxomakareju Mypy jamãsi



**ALGUNS DIAS DEPOIS, A MÃE FOI AONDE O FILHO FICOU ENTERRADO E LÁ VIRAM
UMA ROÇA GRANDE, CHEIA DE PLANTAÇÃO QUE BROTOU DO CORPO DO
MENINO.**

**O BRAÇO VIROU MANDIOCA MANSA,
A CABEÇA VIROU CABAÇA,
A UNHA VIROU AMENDOIM,
A COSTELA VIROU FEIJÃO COSTELA,
O OSSO DO PEITO VIROU FEIJÃO FAVA,
O CORAÇÃO, CARÁ BRANCO,
O FÍGADO, CARÁ PRETO,
A PERNA VIROU MANDIOCA BRAVA,
A TRIPA VIROU BATATA DOCE,
O PÊNIS, ARARUTA,
O JOELHO UMA CABACINHA.**



Versão da História do Menino que Virou Roça, relatado pelos professores indígenas por ocasião da elaboração do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena Xinui Myky em 2008.